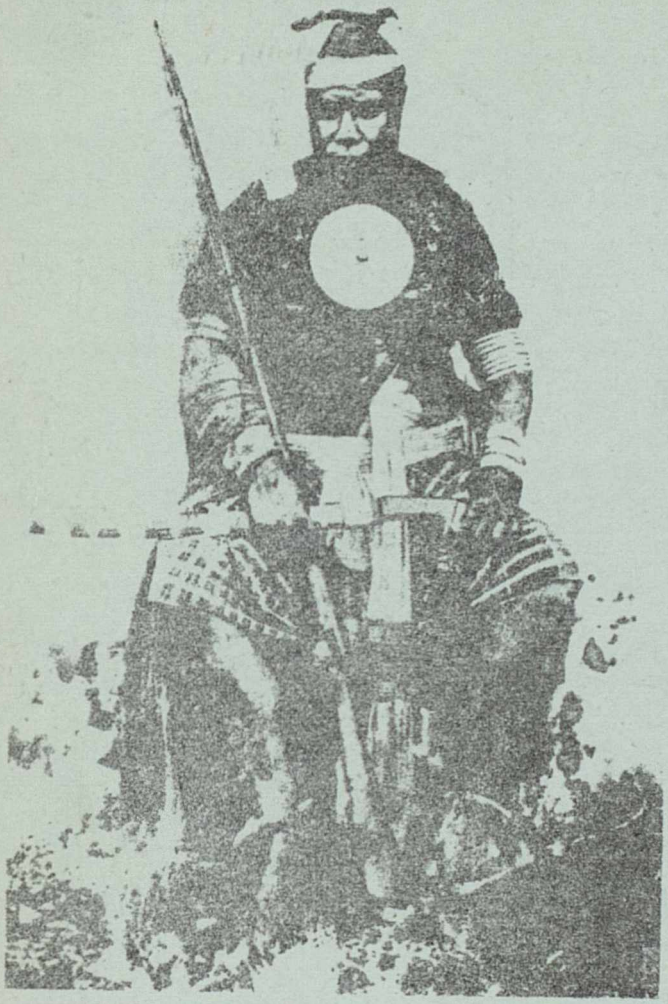
TL 2482
TL2482

AS ELITES EM TIMOR



D.Boaventura de Manu-Fahi. chefe da Revolta de 1912, chamado «traidor» e «rebelde» pelo colonialismo português por sempre se ter recusado a pactuar.

TEXTO DE: abílio de araújo

A S E L I T E S E M T I M O R

INTRODUÇÃO

Este texto é uma análise das várias formas de elite que Timor conheceu durante as diferentes fases de penetração colonialista e do seu processo evolutivo como produto das transformações da realidade social provocadas pela introdução do sistema colonial.

O poder destas elites ao longo da história colonial de Timor assumiu um papel preponderante. Relegá-lo para um plano secundário é esquecer o porquê do "patriotismo dos povos de Timor em relação a Portugal" como afirmam os colonialistas e seus lacaios e fiéis servidores. Depreciá-lo significa ir na onda do comodismo que desconhece a crítica.

Aqui, pois, reside a justificação deste trabalho.

AS ELITES DOS TERRITÓRIOS COLONIAIS

O colonialismo para vigorar numa determinada região busca sempre o apoio de algum grupo social local É nesse apoio que o colonialismo vai assegurar a realização dos seus interesses: ocupação e exploração de terras, de minas, estabelecimento de zonas comerciais, ou melhor, a exploração e rapina das riquezas dos povos coloniais e a consequente opressão. Sem a adesão desse grupo social, o colonialismo encontraria a todo o momento um bloco antagónico constituído pela totalidade dos povos colonizados, bloco esse a barrar o caminho da exploração e subjugação estrangeiras. A realidade histórica diz-nos que a implantação do colonialismo tanto na África como na América e na Ásia (Timor) não foi um fenómeno pacífico. Sempre se registaram lutas e guerras para impedirem a sua radicalização. A derrota dos povos coloniais foi muitas vezes consequência de um desequilíbrio de forças. Aqueles possuíam um conjunto bélico mais bem apetrechado (armas, munições, etc.) enquanto que os po

vos indígenas se situavam em condições de inferioridade no campo militar (flechas, lanças, etc.). Em relação a Timor, Afonso de Castro, ex-governador de Timor na sua obra "AS POSSESSÕES PORTUGUEZAS NA OCEANIA" escrita em 1864, dizia:"Contra aqueles favorecia-nos a superioridade do armamento...". Mas não foi este facto que determinou a ausência de lutas posteriores no sentido de emancipação tatal do poder estrangeiro. Se lutas posteriores se verificaram, não foram guerras travadas pela totalidade dos povos coloniais contra os invasores, mas sim, guerras em que participaram hostilmente forças anti-coloniais(locais) e forças colonialistas, estas ajudadas por alguns sectores das populações locais.É dentro de sector local a favor do colonialismo que este vai buscar o seu principal apoio e colaboração.Há, então, uma troca de dádivas. Este grupo social local ao mesmo tempo que oferece aocolonialismo garantias para a sua estadia e radicalização, recebe do colonialismo privilégios que os outros não possuem.Goza de direitos, recebe honras e benefícios.Eis a elite! Esta alarga-se quando o colonialismo domina todo o território.Frequentemente, na primeira fase, vai buscar na sociedade tradicional aquele grupo que detém o poder político.É com este que o colonialismo faz aliança e pacto de amizade.

PRIMEIRA ELITE EM TIMOR

Em Timor, o colonialismo português foi buscar o seu apoio nos liurais (1).Porventura haverá algum outro significado na conversão da Raínha de Mena, do liurai de Lifau e dos outros liurais com a doação dos seus reinos a Portugal senão um compromisso mútuo assumido entre o colonialismo português e as autoridades locais com a finalidade de estes permitirem a exploração do sândalo de Timor e prevenirem os seus povos para não guerrearam com os exploradores colonialistas?

"ÁS últimas vozes da Raynha se seguiram as do Povo, que a escutava, gritando todos, que só a Ley de

Christo queriam abraçar.Não houve dilação,começaram acathequisar, e intsruir sem perdoar a deligência, logrando-se a coroa d'ella em dia de S.João Bautista(que foy por junho de 1641) em que solemnemente se celebrou o bautismo da Raynha e do Princepe herdeiro do Reyno, a que o padre Fr.Antônio de S.Jacinto poz o nome de D.João, que lheoffereceu o dia, offerecendo elle ao sagrado Precursor(como Primeiro Ministro, que deu com aquele acto o conhecimento de Christo) as venturosas primicias d'aquelle reino" (Pág.675) "Não se esqueciam os Padres da grande importância, que tinham entre mãos; começaram a cathequisar a Casa Real e o Povo(de Lifao) por alguns dias, e em 1 de julho do mesmo ano de 1641 sefez a função do Bautismo".(Pág. 677)

HISTÓRIA DE S.DOMINGOS, Liv. 4º,Cap.5º Quais seriam os resultados das campanhas militares do Governador Celestino da Silva nos fins do séc. XIX e começos do séc.XX, se não tivesse sido ajudado pelos reinos e liurais que se aliaram a ele? Celestino da Silva conseguiu subjugar todos os povos "rebeldes", isto é, aqueles que se opuseram à dominação portuguesa entre os quais se salienta o reino de Manu-Fahi e o seu liurai D. Boaventura.(2)Consevuiu-o porque teve apoio duma parte dos liurais de Timor que entretanto ascenderam dentro do estatuto colonial-majores e tenentes-coronéis de segunda linha! Faziam parte desta primeira elite apenas liurais e datos (3) que pouco a pouco foram submetendo a cerviz ao jugo colonialista. Esta elite não perdeu nada quando pactuou com o colonialismo.Pelo contrário, além dos seus poderes que a sociedade tradicional reconhecia ou era forçada a reconhecer -poder de autoridade, de juíz, de administrador, de chefe militar, etc.- novos poderes lhe são conferidos pelo colonialismo.Aqueles liurais que não ousaram opôr resistência à dominação portuguesa alargaram os seus domínios em detrimento dos reinos "rebeldes". É com os elementos desta elite que o colonialismo vai justificar a sua presença e recomenda a convivência pacífica e colaboração.É esta elite que, favorecida pela nova ordem social,vai amainar os ânimos daqueles que, sentindo-se prejudicados com o novo sistema introduzido, pretende a sua

expulsão.Esta elite vem a ser um elo de ligação entre o colonizador e a maioria colonizada.Esta maioria nunca é beneficiada e quando se sente revoltada, constata que o seu inimigo estrangeiro(colonialismo) passou a ser um grande aliado daquele grupo social (local)- ELITE que, neste caso, é formada pela classe tradicional detentora do poder político e sente-se incapacitada de tramar qualquer luta.

Assim, o colonialismo consegue através da elite por ele criada praticar a sua exploração que é o seu fim último e primeiro.

SUCESSIVAS ELITES EM TIMOR

Mas o colonialismo não dorme.Ele sabe que aquela situação não se manterá indefinidamente.Sabe também que aquela elite- liurais ainda gentios- que o apoia,pode tarde ou cedo hostiliza-lo.É assim que lança mão ao melhor instrumento que possui - a religião cristã, meio mais eficaz para apaziguar os espíritos revoltosos. Mas a sua propagação não é tarefa fácil. Baptizar por baptizar pode ser trabalho de um pequeno grupo e os missionários portugueses bem poderiam encarregar-se da obra. Mas o que mais importa, é que esta mesma religião conduza a transformações radicais no pensamento dos povos e isto só se concretiza mediante um ensino destinado a formar e a preparar elementos nativos incumbidos de tal missão.

"Para o trabalho a que se dao os actuaes missionarios o numero de três é suficiente; mas para o que devem fazer, para dirigir as christandades e converter à nossa santa religião os milhares de pagãos que habitam a ilha, são poucos tres.A catechese é um grande meio de civilisação, e em Timor, aonde nos falta e faltará a força para dominarmos aquele povo, devemos servir-nos da palavra para fazer as conquistas, que a espada não pode fazer.Pela catechese, fundamos a colonia, e pela catechese devemos sustental-a."(pág.399)

Da obra "AS POSSESSÕES PORTUGUEZAS NA OCEANIA"por Afonso Castro, deputado da Nação,Oficial do Exército Portuguez e ex-Governador de Timor escrita em 1864.Continuando a citar a mesma obra:

"..... O ser christão significa parao timor o ser subdito de Sua Magestade o Rei de Portugal; e é este o ponto importante para a política.

Considerando pois as cousas, despidos de preconceitos, as conversões em Timor aproveitavam mais à política do que à religião. Portugal adquiria subditos, mas a igreja quasi não augmentava o numero de fiéis, poisque a maior parte dos conversos eram christãos só de nome". (Pág. 29)

É assim que se funda nos fins do séc. XIX o primeiro Colégio de Timor em Soibada destinado não só à formação de professores-catequistas como também à educação dos filhos dos liurais.

"Dirigindo nós a administração da colonia propozemos a fundação de um collegio para os filhos dos principaes chefes indigenas, aonde se ensinasse a instrucção primária, 1º e 2º grau e ainda hoje estamos convencidos de que d'esta isntituição se colheriam excelentes resultados . .....
E é da maior vantagem que os reis de Timor conheçam a nossa civilização, pois será essa a maneira de adoçar os costumes d'aquelle povo barbaro."
(IDEM, pág. 393)

Deste colégio saíam os primeiros letrados de Timor. Este novo grupo social proveniente de camadas de liurais e datos e também do povo mas em pequeno numero ganha uma grande influência no meio das populações. Estes novos elementos saídos da sociedade tradicional são respeitados e admirados porque sabem ler e escrever. Embora a nobreza de sangue constituída por uma camada mais reduzida ainda continue a deter o poder político, este novo grupo social aos olhos do povo é tão admirado ou mais por ter conseguido alcardorar-se dentro dos valores do colonizador. É uma outra nobreza em desenvolvimento. O colonialismo constata a necessidade de apoiar este novo grupo que, favorável à sua política - instrumento de propagação da religião cristã - jamais lhe será hostil pois o provilégio concedido de ter entrado em contacto com a cultura colonialista, eternamente o fará grato a ele. É pois necessário, por um lado,

apoiá-lo e mantê-lo numa posição digna na sociedade timorense a par dos liurais e datos, e, por outro lado, oesponsabilizá-lo pelo alto papel que lhe compete de velar pela ordem e justiça, mas dentro do espírito de colaboração, compreensão e tolerância, sentimentos tão apregoados pela religião cristã.

Do mesmo colégio saía mais tarde outro grupo formado por funcionários civis que,conjuntamente com os grupos anteriores constituem a elite posterior. Simultâneamente alguns elementos da elite anterior - - liurais- foram perdendo a sua posição social a favor dos novos letrados, alguns dos quais por possuirem sangue real o colonialismo colocou-os nos lugares deixados por aqueles.

" ..... impunha-se como obrigação a todo o rei que de futuro quizesse confirmação, a frequência com aproveitamento no collegio, e seria este o meio de collocar a testa dos reinos homens que não fossem estranhos aos nossos usos e à nossa civilização."
(IDEM,pág. 394)

Sucessivamente novos grupos sociais se foram formando.Novas formas de elite mais evoluídas foram surgindo.Com a divisão administrativa de Timor que transforma os Comandos Militares em Postos Administrativas e Circunscrições Locais (Juntas Locais) administrados por colonos e nativos formados nos colégios dos padres de Soibada, Maliana e Ossú e mais tarde no Seminário de Dare e no Liceu de Díli, assiste-se em Timor à constituição de uma nova elite mais evoluída culturalmente e também não menos prestigiosa. O colonialismo português depreciou o poder dos liurai e sobrepôs-lhe um outro poder, que, por melhor adaptado à realidade virá reforçar e perpetuar a dependência colonial. O Quadro Administrativo aparece aos olhos do povo como o poder mais forte e tirano apoiado por toda uma estrutura colonialista bem equipada que não só o oprime como também é causa da decadência do poder político dos liurais. Este poder já em decadência aquando do aparecimento das novas forças sociais locais revela-se incapaz de comandar e ditar como outrora leis ao povo.(Trata-se da genera-

lidade dos casos).O aparecimento de novos elementos naturais no seio da Administração Pública (Funcionalismo Público) e nos quatros do Exército colonialista atesta a última forma mais evoluída de elite que Timor conheceu até aos nossos dias.

A ELITE FUTURA

Da análise das diferentes formas de elite historicamente verificadas depreende-se que a sua existência não foi um fenómeno casual ou uma concessão paternalista do colonialismo. As diversas formas que ela assumiu no decurso da história colonial de Timor foram produto de condições objectivas existentes nas diferentes fases de penetração e domínio colonialista.A sua evolução foi o reflexo das transformações sociais sem as quais a mesma não se justificaria.Daí que ao mesmo tempo que transformações no seio da sociedade tradicional se verificaram por acção direcda do colonialismo, o mesmo se visse perante novas contradições que o seu sistema acusava. A elite que concebeu e cuja forma se mostrava adequada numa determinada fase, revelava-se inadequada na fase seguinte. Daí a necessidade de lhe dar uma outra forma com a qual pudesse pactuar porque ao contrário, a sua estadia e a sua exploração estariam em perigo.

É portanto neste contexto que devemos encarar toda a política recente em relação ao envio de jovens timorenses para frequentar cursos ministrados em Portugal ao mesmo tempo que propala aos quatro ventos a "necessidade urgente da criação de uma elite constituída por um escol de dirigentes(Chefe de Serviços, Técnicos, etc.) oriundos da sociedade tradicional". Mas o colonialismo não traz novidade.As elites sempre existiram. As suas formas é que foram variando através dos tempos.Estas transformações são a consequência do facto indubitável que é a contínua transformação e evolução das coisas.A concepção e o papel daelite nunca variam. As suas formas é que diferem. Nos mais diversos momentos históricos a elite desempenha sempre o mesmo papel, tem sempre a mesma função.Ela muda de forma quando a sua constituição num determinado momento deixa de satisfazer o objectivo paraque

foi criada. Mas para isso, o colonialismo através dos seus lacaios e fiéis servidores tem de procurar de entre o seu sistema de justificações uma razão válida para apresentar à camada, dita,"esclarecida", porque ao povo ele nada tem a justificar. Lança-se então desesperado como um náufrago que atira os braços ao primeiro objecto flutuante à procura de socorro, socorro esse finalmente encontrado na sua fraseologia demagógica e imbuída da sua id ideologia colonial, mistificadora e opacificante (que torna opaca a realidade) tal como:" esta elite é a condição sine qua non, imprescindível para o arranque, desenvolvimento e promoção de Timor". Mas já se viu que a criação desta nova forma de elite é uma necessidade para a sobrevivência do colonialismo.Mas esta política como tantas outras anteriores é uma arma de dois gumes. Assim com este este escol de dirigentes beneficiado pelo colonialismo por ter ascendido dentro dos seus valores(civilização e cultura) pode vir a ser o seu melhor aliado, também pode vir a transformar-se no seu maior inimigo. E é precisamente esta situação que ele procura a todo o custo evitar.Para isso, procura, por um lado, inculcar nas populações de Timor uma falsa consciência como a de que os estudantes só devem estudar para acabar os seus cursos e regressarem mais brevemente pois há "toda uma série de problemas cuja solução depende dos mesmos". Por outro lado, actua nos estudantes mostrando-lhes que a missão destes é estudar para mais tarde virem a constituir "a elite que Timor precisa"(???) E para persuadir os mesmos apresenta-lhe bons lugares, promete-lhes bons TACHOS, etc. e assim o estudante menos consciente durante todo o seu tempo só pensa no CANUDO, alimenta no seu pensamento um sonho egoísta e esquece o seu povo explorado e oprimido.Todos os estudantes que têm esta conduta depressa ganham fama e apoio pois, simultâneamente, há todo um processo claro ou subtil conduzido pelo colonialismo que leva a que os mesmos sejam, infe-

lizmente,(!!!) aceites pelo povo quando o mesmo deveria,sim, chamá-los de traidores e vendedores da sua pátria.

Esda elite assim constituida representa o melhor aliado do colonialismo.Porém quando ela verifica que os seus interesses não são realizados porque o mesmo colonialismo lhe opõe barreias, isto é, quando os seus interesses vão contra os do colonizador é ela própria que se transforma no grande mentor e apologista da luta anti-colonialista. E como esta sua atitude tem como causa a recusa do seu ex-aliado(colonialismo) na repartição do bolo que lhe fora prometido e posteriormente negado,a sua posição perante o seu povo na época pós-colonial é idêntica ou mesmo pior porque se transforma na força dominante opressora do seu povo e simultâneamente alia-se a outras forças económicas estrangeiras com as quais leva a cabo uma exploração ainda mais desenfreada.Cai-se no neo-colonialismo.

Há, porém, o caso dos estudantes"medíocres" aqueles que "em vez de estudarem andam metidos em política" e se recusam a fazer parte da nova elite. Ora para o colonialismo o comportamento destes estudantes "vai contra o fim para que foram destinados". Com certeza!!! Desta vez o colonialismo fala verdade! pois vendo-se perante a sua própria derrocada tem de procurar por todos os meios desacreditar a acção destes perante as populações e assim isolá-los.

Mas o POVO, tarde ou cedo, há-de distinguir quais são os seus filhos e VERDADEIROS AMIGOS.

.../...

(1) Liurais - Correspondente a reis
(2) D.Boaventura foi liurai de Manu-Fahi e chefe da maior revolta contra o colonialismo português em 1912.Através do pacto e juramento de sangue conseguiu a aliança de todos os liurais de Timor.Mas quando desencadeou a revolta alguns delès traíram-no.
(3) DATOS - Indivíduos pertencentes à nobreza no seio da qual eram eleitos os liurais.

REEDITADO PELA SECÇÃO CULTURAL
DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DA
FACULDADE DE LETRAS DO PORTO